

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 16 de dezembro de 2015**

Texto de referência: L. Giussani, Reconhecer Cristo, in J. Carrón, UMA PRESENÇA NO OLHAR, livreto anexo a Passos-Litterae communionis, Julho de 2015, pp. 75-88.

- *La guerra*
- *Give me Jesus*

Glória

O que nos consente reconhecê-Lo nas coisas que acontecem diante dos nossos olhos? O que permite dizer “que belo dia passei contigo. [...] Um Amigo sincero veio para nós” (“Di più”, letra e música C. Chieffo)? O que nos consente reconhecer a Sua voz entre tantas outras vozes, entre tantas outras palavras? O que nos introduz àquele silêncio? O que nos consente que a vida não acabe mais?

Colocação: *Queria perguntar-te se podes explicitar o que quer dizer que “reconhecer Cristo é um trabalho”, como nos repetiu nos Exercícios em Rímini. De fato, eu vivo os meus dias transportada pela emoção, sem me colocar perguntas. Depois, quando mudam as circunstâncias, imediatamente caio. Acontecem fatos excepcionais e imediatamente o meu coração dispara e pede para viver, não só, para existir. Em momentos assim recomeço, por exemplo, a ler o texto da Escola de Comunidade, mas depois o momento passa e assim também a Escola de Comunidade é deixada numa gaveta e lentamente é esquecida. Aliás, só o pensar em lê-la já torna-se uma imposição moral. Não entendo porque não consigo ser fiel a este trabalho. Não pode ser um dever. Quando nos dizemos para começar um trabalho, sinto-me imediatamente constrangida numa outra imposição moral. Não entendo porque não se instaura em mim uma mudança. O problema é que aquilo que acontece é muito pouco relevante para mim? Ou o problema é meu? Pode uma pessoa ser incapaz de se surpreender? Pode a minha liberdade ser tão preguiçosa que não consegue ir além da simples emoção? E se assim fosse, como mudá-la? Tenho necessidade de poder fazer estas perguntas a alguém que possa me responder, porque percebo que assim não vou a lado nenhum e poderei estar no Movimento toda a vida e não crescer e estar sempre à mercê das ondas.*

Carrón: Este é um grave problema, como você diz. Porque não é que não aconteçam coisas, mas se aquilo que acontece é apenas uma emoção, algum tempo depois desmorona. E então, como você intui potentemente, sobra apenas um esforço moral que nós já sabemos até onde pode ir. É um problema do acontecimento ou é um problema meu? Ou ambas as coisas? Porque se uma pessoa não cresce não pode reconhecê-Lo. É algo que temos de levar em consideração porque, como nos diz Giussani, “reconhecer a presença de Cristo, é um trabalho, no sentido literal do termo [para que não haja equívoco]”. Muitas vezes concebemos o acontecimento como uma evidência tão poderosa, tão evidente, que não haveria necessidade de algum movimento da liberdade para reconhecê-lo. Para nós, acontecimento e trabalho estão quase contrapostos – dissemos isso muitas vezes ao longo dos anos, mas a coisa se repete –, e se é preciso fazer algum movimento pensamos que é moralismo. Mas, amiga, quando você se apaixona por alguém, no dia seguinte quer ir encontrá-lo? Isso é moralismo? É uma imposição moral? Ou é o resultado do reconhecimento daquilo que aconteceu que não foi simplesmente um golpe sentimental? É nisto que muitas vezes temos dificuldade. Continua Dom Giussani: o reconhecimento “consiste em *tomar continuamente a iniciativa* para retomar o valor que este acontecimento tem para a nossa existência”. Não acaba tudo com o acontecimento. É preciso “*tomar continuamente a iniciativa* para retomar o valor que este acontecimento tem para a nossa existência”. Imaginem se João e André não tivessem feito isso, se não tivessem respondido ao ímpeto com que se levantaram naquela manhã, ou seja, o desejo de revê-Lo. Acontece com qualquer acontecimento. Se prestarmos atenção à canção com que começamos o encontro, o que provoca um acontecimento? Transforma “o tempo numa espera”. Espera do quê? Espera “de te rever”, ou seja uma espera que não nos deixa bloqueados. É dali que

nasce o movimento, não de um esforço moralista. De uma atitude – neste sentido sim moral –, do desejo de não se perder aquilo que de belo aconteceu. Por isso Giussani diz: “É um trabalho estranho, pois exige o empenho de um retomar contínuo: “*contínuo*” porque a Sua presença é gratuita, não somos nós que a criamos [não somos nós que a produzimos], é um acontecimento que acontece e que pede para ser reconhecido sem tréguas. Normalmente nós, em vez de reconhecer a presença de Cristo, fazemos imagens de como esta deve ser, que acabam inexoravelmente por serem ultrapassadas e destruídas. Assim, quem se cansa, porque não entende como gostaria, vai embora [nos convém entender porque se uma pessoa não entende, vai embora!]; quem pelo contrário segue, muda, e tudo para ele se transfigura. O trabalho que indicamos – reconhecer a presença de Cristo – é uma inteligência da beleza [muito diferente do moralismo], não uma inteligência do nosso projeto. A beleza é o fascínio do verdadeiro e o verdadeiro que é Cristo nos supera continuamente. Por isso, a inteligência da beleza é, por sua natureza, aberta, toda disposta a afirmar “algo maior” do que nós, que nos arranca continuamente das nossas imagens. De resto, não há nada de mais terrivelmente decepcionante e insatisfatório do que um projeto próprio que se tenta ferozmente realizar. A vocação da vida é então apenas uma: estarmos [disponíveis] [...], não organizarmos [como queremos] ou possuir. A verdade que possuímos é alguma coisa de Outro que não nós, que nos arranca por isso da imagem fixa que procuramos [...], pedindo a nossa adesão na disponibilidade para um caminho sempre novo” (L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, EDIT-Il Sabato, Roma 1993, pp. 162-163). E a disponibilidade para este caminho é aquilo que confirma a natureza do que aconteceu, porque se você encontra alguém que é igual aos outros, que não te desperta o desejo de fazer o caminho, que não te desperta uma espera, já está tudo dito. O problema, então, não é que você deva fazer alguma coisa por um moralismo, mas sim que não tem a razão adequada para fazê-la! Porque, no fundo, não é precioso a ponto de ser interessante para que você implique todo o seu dinamismo humano para procurá-Lo de novo. Por isso não é uma imposição, é uma afeição que nasce de um juízo do reconhecimento do valor que tem para você aquilo que aconteceu. Por isso, quando algum tempo depois desaparece a emoção você tem que se perguntar: o que me aconteceu? Foi apenas uma emoção ou foi alguma coisa realmente verdadeira graças à qual eu agora estou mais afeiçãoada do que no dia anterior, e por isso O procuro ainda, tomo de novo a iniciativa para reconhecê-Lo? As coisas que às vezes acontecem logo depois de ter acontecido o encontro com algo de excepcional, nos ajudam a nos darmos conta de que tipo de trabalho se trata.

Colocação: *Para mim, a primeira experiência com o Movimento foram os Exercícios dos universitários em Rímini, dez dias atrás. Fui convidada por alguns amigos e parti sem fazer a mínima ideia daquilo que iria acontecer e nunca teria conseguido imaginar aquilo que realmente aconteceu. Desde a primeira noite de sexta-feira, com a sua introdução, logo fiquei muito impressionada com as suas palavras, fiquei comovida porque percebi como sendo muito verdadeiras as palavras que disse. Verdadeiras para o meu coração porque, para mim, foi como se tivesse sido despertada de um estado de torpor, como se alguém estivesse tornando evidente ao meu coração alguma coisa que sempre tentei afastar. De fato, como dizia, muitas vezes corremos o risco de cair no tédio, na resignação, nesta nostalgia que esperamos que desapareça e que, de fato, depois volta a aparecer. Eu senti este desejo de pegar a minha vida nas mãos de um modo diferente, de viver mais intensamente.*

Carrón: Estão vendo? O fato que acontece faz pegar a vida nas mãos.

Colocação: *Sim, porque desde que comecei a universidade sempre tive dias de grande riqueza, mas faltou sempre algo que desse sentido e que unisse tudo aquilo que eu fazia. Tudo corria o risco de cair numa coisa insípida, no “sem sentido”. Diante do que ouvi naqueles dias dos Exercícios um muro foi derrubado em mim. E dei-me conta disso nos dias que se seguiram, por ver uma total abertura minha em relação àquelas pessoas que tinham me convidado, amigos com os quais consegui abrir-me, mostrar todas as minhas fraquezas, as minhas fragilidades, o que para mim foi sempre muito difícil. Vi algo maravilhoso em tudo aquilo que estava acontecendo comigo e me senti no lugar certo, com as pessoas certas. Gostaria de prolongar esta experiência, mas ao mesmo*

tempo não via a hora de chegar em casa para contar aos que me são queridos, à minha família, ao meu namorado, aquilo que tinha acontecido. Encontrei nos meus pais uma abertura nesse sentido, apreciaram esta minha grande felicidade; o que não aconteceu inicialmente com o meu namorado, que me disse que nunca tinha me visto tão feliz desde que nos conhecemos e por isso não aceitou esta minha felicidade porque, de algum modo, não fazia parte dela. Dei-me conta, com o voltar a este cotidiano, como é difícil conseguir fazer entender a estas pessoas, que sempre estiveram perto, aquilo que eu estava vivendo. Consegui, estou conseguindo, estou tentando tornar evidente como se verificou uma mudança em mim. Dei-me conta de como aproveito o meu tempo de um modo diferente, como vejo as coisas de uma forma um pouco diferente e estou certa de que esta experiência não acabará. Diante da pergunta se é somente uma sensação ou emotividade, eu posso responder com firmeza e certeza que é real e verdadeiro aquilo que experimentei. Emergiram desejos e necessidades, um sentimento de fé que sinto como sendo meu. Nestes dias comecei a ler “O Senso Religioso” de Giussani; impressionaram-me particularmente duas frases que cito. “Eu procuro para saber alguma coisa, não para pensá-la”. E um pouco mais à frente: “O homem são, quer saber como é um fato: só sabendo como é, só então, pode também pensá-lo”. Esta é uma frase perfeita para descrever a minha situação de procura, de algum modo, para não me conformar a um pensamento pré-construído. E também, como apoio a isso, pareceu-me perfeita a comparação com “a experiência elementar”: enquanto a coisa corresponde, é verdadeira e eu posso confiar. Queria só acrescentar como me sinto diferente. Gostei muito da expressão “sou a mesma, mas também uma outra”. Pude constatar isso nestes dias estando com os meus amigos de quem gosto muito, os meus amigos de uma outra realidade, digamos assim, mas percebi ao mesmo tempo, de como alguns sábados à noite eram passados de um modo que já não me satisfaziam, não me davam aquele “algo” que encontrei com outras amizades que me tornam mais verdadeira e quero fazer isso durar.

Carrón: Obrigado. Como veem, o que é este trabalho que falamos antes? Que depois de ter vivido uma experiência assim – pela qual uma pessoa teve dias cheios, percebeu uma novidade experimentável –, logo diante das reações de uns (que são abertos) e de outros (que não entendem), começa a se perguntar: foi emotividade ou foi realidade? Não é que fazê-lo seja um dever, não, é que a vida não me poupa o trabalho, porque devo dar razão a mim própria do que me aconteceu, diante das objeções dos outros, que às vezes podem encontrar uma certa convivência em nós. E ali começa o percurso. Por isso uma pessoa sente-se combatida, porque começa a luta por aquele reconhecimento. Nada de automático e mecânico! E não é assim só agora, no período do colapso das evidências. Aconteceu, tal e qual, ao cego de nascença: apenas curado deve começar a lutar contra tudo e contra todos, deve tomar iniciativa diante dos outros e de si próprio para reconhecer o que lhe aconteceu. Isto é devido a um moralismo ou é – como você diz muito bem, porque já lê *O Senso Religioso* com esta inteligência! – devido ao desejo de saber? O homem são quer saber como é um fato: só sabendo como é, só então, pode também pensá-lo. Conhecer sempre mais. E assim, com esta pergunta, capta, lendo *O Senso Religioso*, aquilo que precisa para responder. E capta a experiência elementar (“Isso me corresponde”) logo a primeira vez que o lê! É assim que este reconhecimento reacontece constantemente na vida. Mas nós queremos que este reconhecimento possa ser constante, e às vezes nos desilude o fato que não seja constante como desejaríamos.

Colocação: *Sou pai de cinco filhos. Engenheiro, trabalho muitas horas por dia, neste período também. Estas são as circunstâncias, e digo-me: se estas são as circunstâncias, quero ir ao fundo delas, se ali está a Presença; estou contente de trabalhar e de viver deste modo. Naturalmente, para estar diante desta Presença é necessário um trabalho, como se dizia, por isso vou à Escola de Comunidade, tenho alguns amigos que me despertam e que me fazem ver esta Presença. Todavia, há dias em que entro num túnel e parece que perco tempo: as coisas para fazer, os prazos das entregas dos trabalhos, o telefone que toca... Depois eu sou uma pessoa particularmente estressada, sou ansioso, gosto de fazer bem as coisas, mas percebo também que, no entanto, há momentos em que se perde tempo. A minha mulher e os meus filhos me chamam porém àquela Presença. Mas apesar disso, me esqueço e entro num túnel, por isso há dias que não há livro e não*

há ninguém que possa me acordar deste esquecimento. Tomado por um momento de desconforto, uma segunda de manhã, enquanto estava no trabalho, escrevia a você; como é possível não esquecer e ter constantemente o olhar sobre a Presença que dá significado a tudo? Volto a te perguntar.

Carrón: Na sua opinião o que podemos fazer? Tantas vezes criamos uma imagem – dizia-o antes Giussani – de como deveria ser, e pensamos que este reconhecimento deva ser totalmente constante. No início da manhã uma pessoa pode reconhecê-Lo, quando abre os olhos ou recitando o *Ângelus* e depois pode passar o dia quase se esquecendo disso. Há alguns anos Giussani já tinha enfrentado esta questão. É possível viver uma relação constante com esta Presença? É possível, para usar as suas palavras, “ter constantemente o olhar sobre a Presença que dá significado a tudo?”. Ter este olhar constante é aquilo a que chamamos “memória”. No livro *Si può (veramente?!) vivere così?* Giussani diz: “Memória não significa que se pense n’Ele em cada ação: nem sequer é necessário que seja assim. É necessário [para começar] que você ame isto. Por esta razão entende-se [faz esta digressão] por que o *sim* de São Pedro é a origem da moral: o *sim* de São Pedro, não a análise do como e quando, ou das leis cumpridas ou não. A moral é o *sim* de São Pedro, que é uma amorosidade expressa [introduzir o *sim* de São Pedro no Ano Santo da misericórdia talvez não seja errado, e é uma ocasião para se entender melhor]. [...] Por isso não é necessário que você pense n’Ele em cada ação, mas que você deseje esta memória, que você deseje a consciência desta Presença, que ame a consciência desta Presença”. Para nós isso parece pouco e o *sim* de São Pedro nos parece frágil demais. Ninguém diria que esta é a origem da moral. Pensemos: se passado uns tempos decaí, que tipo de origem é? Ou quando uma pessoa diz: “Quando volta?”, nós não acreditamos que isto seja a origem de algo de novo. Nós não nos damos conta do valor que Dom Giussani atribui a estas coisas! “Mas a primeira resposta [...] é que esta memória [que não significa lembrar-se em todas as horas] deve ser vivida como afirmação de simpatia por Deus, de simpatia por Jesus: o *sim* de São Pedro. Mesmo que em 1000 ações se erre em 999 [não sei se alguma vez se bateu um recorde assim] – no sentido de que pelo menos 999 sobre 1000 são vividas de forma distraída; mas não apenas distraída, são contraditórias: fazem um mal –, o Senhor depois do 999º erro, te diria: ‘É suficiente que desejes a minha presença, que desejes ter consciência da minha presença. Se o desejas, se o desejas com dor, pede-o a mim. Mas não no sentido de que antes de qualquer ação deves parar para pedi-lo a mim; quando paras e pensas em mim – por minha graça, no fundo! –, aquela uma ou aquelas duas vezes por dia nas quais é mais fácil que isso te aconteça, pede-me que essa memória aconteça cada vez mais, se desenvolva’. Quanto mais você procura exercitar essa memória – ontem você pensou duas vezes, ao receber a comunhão e antes de ir para a cama; hoje, pensou quatro vezes... não importa o número, importa o valor tendencial da questão –, quanto mais você procura pensá-lo, quanto mais pede para pensá-lo, mais é como se o seu terreno se elevasse, se erguesse, se tornasse mais rico. [...]. No tempo [segundo um desígnio que não conhecemos], ou seja, [...] quanto mais a repetição dos atos se intensifica, mais se torna habitual” (*Si può (veramente?!) vivere così?*, BUR, Milão 2011, pp. 430, 432-433). Mas nós ainda acreditamos neste método? Ou Jesus enganou-se redondamente ao confiar no *sim* de São Pedro, apoiando tudo sobre o *sim* de Pedro? E Giussani enganou-se ainda mais por tê-lo seguido? Veem como o desafio é cada vez mais radical? Cada um deve olhar para a sua experiência e ver o que o faz mover. Porque é só o acontecimento que move. Ainda que aconteça uma única vez ao dia, no meio de todas as distrações, você deve começar por responder a isso, surpreso, totalmente surpreso, não pelas 999 vezes em que O esqueceste (que mistério há em que a sua fragilidade seja frágil?), mas daquela única vez em que foste arrancado da distração. Começará a se surpreender por aquela vez, começará a desejá-lo e vai se esquecer da matemática. E quando já não consegue mais, porque está assoberbado ou porque perde tempo, começará a procurá-Lo de novo cheio de gratidão. Por quê? Porque o dar-se conta de uma falta é já uma graça que acontece.

Colocação: *Voltei dos Exercícios dos universitários um pouco atordoado. Normalmente voltava contente e alegre. Mas este ano, vim irritado porque nos repetiu mais uma vez, que o método para responder à graça daqueles dias é o seguimento. Outra vez o seguir! Depois de todos estes anos no*

Movimento ouço pela milésima vez: seguir, seguir. Este é um momento em que tantas coisas são difíceis, sobretudo no estudo. E digo: mas aonde me leva este seguir? Estava incomodado, mas

Carrón: Sabemos bem que conotações tem este seguir, segundo as suas palavras.

Colocação: *Exato, não foi preciso muito.*

Carrón: Não foi preciso muito, de fato!

Colocação: *Bastou a viagem de ônibus com os meus amigos, cantando, e depois entrar na universidade e começando timidamente a estudar, recomeçando a arriscar, e comecei a ver que toda a minha objeção desaparecia porque percebi do que é que realmente precisava*

Carrón: Então o seguir não era assim tão complicado!

Colocação: *Foi preciso pouco porque depois me vinha sempre à mente esta frase: “Notam faciet gloriam nomini Sui in laetitia cordis vestri” (Dará a conhecer a glória do Seu nome pela alegria dos vossos corações). Eu preciso disso, porque estar com os meus amigos, estar juntos deste modo, me muda. E preciso me ajoelhar todos os dias, diante do Pão e do Vinho, porque esta realidade encarnou realmente, e se a tratamos por aquilo que é, ela responde. Não é preciso muito. E por isso, depois desta premissa, chego à pergunta. Fiquei impressionado com o vídeo de Giussani, sobretudo quando ele diz que o trabalho pode e deve tornar-se obediência. Então, como posso mostrar melhor que este trabalho se torna obediência? Depois de reconhecida a carnalidade de Cristo nas coisas, como posso segui-Lo no quotidiano? Porque depois dos Exercícios é fácil. Não posso estar sempre à espera de um fato excepcional e por isso preciso mesmo crescer e seguir sempre.*

Carrón: Tentemos seguir a experiência. Quando você reconheceu esta carnalidade, o que aconteceu?

Colocação: *Quando A seguia, estava mais feliz, esta raiva desaparecia.*

Carrón: No e-mail que me enviou, dizia: “A certa altura percebi a natureza bela do seguimento”.

Colocação: *Eu reduzo sempre o seguimento a*

Carrón: Exato! É uma redução moralista do seguimento. Mas por que o reduzés dessa forma? Por que você separas da experiência que faz (no ônibus, cantando, estudando na universidade, etc.). O cristianismo é um acontecimento presente que eu reconheço e que constantemente me arrasta a uma bela experiência de seguimento, ou então não é cristianismo. E se não, acaba se cansando. Então, que a obediência seja um trabalho é, usando as suas palavras, perceber “a natureza bela do seguimento”. Ponto. Se vocês separam a experiência que fazem, das palavras que usam, as palavras acabam por adquirir um significado diferente do verdadeiro. Tornar trabalho a obediência quer dizer que você obedece à modalidade com que o Mistério o arrasta agora. E se você obedece à modalidade com que o Mistério o arrasta agora, a experiência que faz é belíssima e não deseja mais nada senão isso. E isso pode acontecer no gesto grande dos Exercícios ou num gesto tão simples como cantar no ônibus; ou diante de um gesto gratuito, ou vendo coisas que acontecem diante de nós e que nos impressionam. Assim, basta seguir o que Ele continua a fazer diante dos nossos olhos. Mas para ver tudo isto, o que é preciso? Frequentemente não vemos estas coisas nem sonhando!

Colocação: *Antes dos Exercícios da semana passada, invadia-me uma grande sensação de insatisfação, sentia um vazio na minha vida que me levava a pedir, a perguntar o que era esta falta que gerava em mim este vazio, e como é que poderia ser feliz. Mas percebia que, ainda que atormentado pelas perguntas, neste levar-me a sério (até mesmo nas coisas banais), o pedir era necessário para responder àquele sentido de vazio. É claro que estas interrogações constantes cansam, mas quanto mais avançava, mais percebia que não podia perder aquela pergunta, porque senão nada tinha sentido. Foi assim que cheguei aos Exercícios e a sua introdução já tinha a ver comigo, com a minha questão urgente, com as minhas perguntas, como se você soubesses de tudo. Na manhã seguinte, durante o vídeo tão comovente, nasceu em mim uma raiva enorme porque houve um momento em que Giussani, ao falar de várias circunstâncias negativas tal como a doença, dizia que Cristo age também através destas circunstâncias. Mas isto a mim não me basta. Estava tão insatisfeito que depois do almoço recebi um telefonema da minha mãe em que, ao dizer*

os resultados da última ressonância, disse-me que a sua doença parecia estável porque não há novas lesões. Contava-me tudo com imensa alegria, mas eu não conseguia ter uma migalha de felicidade, não era capaz de estar contente, nem sequer por ela. Estava só irritado, infeliz, ao ponto de que só se a sua doença desaparecesse totalmente é que eu poderia ficar contente. Isto quase que me enlouqueceu, tinha uma repulsa por mim. Mas no final, voltei dos Exercícios consciente de que havia um fato presente entre nós, e quanto esta companhia me era estranhamente necessária....

Carrón: Por quê? Continua. É para preparar os seus ouvintes, para que estejam muito atentos.

Colocação: *Necessária porque te faz abrir os olhos.*

Carrón: Porque te faz abrir os olhos!

Colocação: *Cristo e o próprio Movimento começam a ter cada vez uma maior incidência na minha vida. Mas aquela resposta que Giussani deu ainda não é clara. Por isso te pergunto: como se faz para ter a certeza com a qual se pode responder a qualquer dor ou desgraça, como fez Giussani? Como se faz para ter uma certeza tal que até quando o Seu desígnio parece totalmente negativo, você consegue enfrentá-lo daquele modo?*

Carrón: Alguém quer responder?

Colocação: *Queria contar um fato muito simples que aconteceu com a mãe de um colega do meu filho. Antes das férias, com as famílias da classe infantil do meu filho, fomos comer pizza para nos despedirmos. Esta senhora, uma mulher incrível, chefe numa fábrica, perguntava-nos aonde iríamos nas férias. Sem pensar muito naquilo que digo, respondo-lhe que iríamos à praia com os irmãos e pais do meu marido e, mesmo que não estivéssemos bem, pelo menos estaríamos juntos. Então me pergunta: “Por que não estariam bem?”. Ela não sabia que tinham me diagnosticado uma doença pelo que às vezes não me encontro bem fisicamente. Depois de lhe ter explicado, olhou-me espantada e me disse: “Desculpa, mas como é que tem essa cara boa? Por que não está desesperada? Como consegue estar serena tratando dos teus filhos? Eu não conseguiria viver”. E depois começa a chorar e me contou que tinha morrido o seu netinho e que desde esse dia nunca mais se restabeleceu porque tudo passou a ser pesado e a angustiá-la. Insistia muito com perguntas e estava realmente impressionada com a minha cara, sem que eu fizesse nada de especial. Tinha me visto no meu quotidiano, comendo uma pizza e tomando conta dos filhos. Respondi-lhe que não estou desesperada, mas sim certa de que o que me acontece não pode ser uma falsidade porque encontrei Jesus e Ele nunca me enganou. Muito pelo contrário: através de alguns fatos e com a companhia de algumas pessoas, levou-me a dar-me conta d’Ele, d’Ele em tudo. É Jesus quem me dá a graça da fé, mas também um caminho. Disse-lhe que pertença a CL que é o lugar onde sou educada a aprofundar a minha relação com Jesus. É Jesus quem molda o coração do homem a ponto de me dar alegria mesmo na fadiga mais impensável. Por isso não pude senão dizer-lhe para vir comigo ao lugar onde sou educada a um olhar destes, e convidei-a para a Jornada de Início de Ano. Acabou não indo, mas me escreveu que não podia não pensar na minha cara, todos os dias ainda que não conseguisse iniciar este caminho. Talvez um dia. Respondi-lhe que devíamos nos encontrar em breve e que não deveria sufocar a ferida do coração. Há poucos dias festejamos o aniversário de outro dos meus filhos, e a convidei. Ao ver os nossos amigos, como estavam juntos (e não fazíamos nada de extraordinário: uns jogavam com as crianças, outros falavam da vida, tudo coisas que a nós nos parecem normalíssimas e que consideramos óbvias, mas que de fato não o são), vendo a minha alegria e a do meu marido numa circunstância não tão simples assim, veio falar comigo comovida e me disse: “Tudo isto não é possível. Aqui se passa alguma coisa extraordinária”.*

Carrón: Obrigado. Veem? Quando aceitamos ser educados, acontecem estas coisas: podemos olhar desta forma para a realidade da doença, a ponto de despertar toda a surpresa daquela senhora. O que consente esta certeza? O caminho feito. Deixar-se introduzir, constantemente, num novo olhar: “É Jesus quem me deu a graça da fé, mas é um caminho”. Pertencendo ao Movimento, “o lugar onde sou educada a aprofundar a minha relação com Ele”, Jesus molda o seu coração de tal modo “que me dá a alegria mesmo na fadiga mais impensável”, a ponto que se nota na cara. É verdade que não

é você que “faz”, porque é o resultado de alguma coisa que Ele molda. Mas este ser moldada é o fruto de um caminho que seguiste com disponibilidade.

Colocação: *Trabalho na universidade e este ano voltei a ter a sorte de ir aos Exercícios dos universitários. Rever pela segunda vez (depois da Fraternidade) o vídeo Reconhecer Cristo fez-me imensa impressão e me comovi. Neste último mês trabalhamos muito sobre o texto Reconhecer Cristo, mas vê-lo é outra coisa. No sábado pensei que ouvir assim falar do que João e André tinham feito depois de terem encontrado Jesus, uma pessoa poderia dizer: “Que fantasia a do Giussani! Que invenção!”. Mas Dom Giussani fez precisamente a mesma experiência, fazia-a, estava falando de si próprio, talvez até a pensar em como tinha tratado os seus amigos e os seus estudantes. E isso me pareceu uma coisa do outro mundo. Que diferença entre ler e fazer experiência! Posso dizer que fiz experiência de Cristo presente, e também me lembrei de tantos textos escritos que giram por aí, com o desejo de tê-los todos, mas é outra coisa. É toda outra coisa vê-lo diante de si. No sábado isto foi-me dado. A outro foi dada outra coisa. Quando se fala de Cristo como o ideal da vida, Giussani fala de gratidão. De novo, ao voltar a ouvi-lo, fiquei grata porque me fez olhar para a minha história. Domingo, na síntese, enquanto você falava da preferência do Senhor, que Deus nos escolheu, disse: “Estamos aqui porque a nossa presença documenta a predileção de Deus que venceu todas as nossas resistências”. Como é verdade isto se repenso na minha história e na do meu marido! E isto voltou a comover-me porque Ele me escolheu. Posso dizer que esta verdade entrou na minha vida já faz alguns anos, tornou-se uma certeza conquistada. Um nosso amigo viria a dizer: “É como a linha de Piave: foi uma conquista por isso já não se põe em discussão”. Grata por tudo isto, a passagem para a gratuidade pura de que fala, às vezes é difícil inclusive com os afetos mais fortes em que aparece a sombra e a chantagem de ter de dar alguma coisa em troca, onde há o desejo bom de uma satisfação. Bloqueio e quase que caio na desilusão. Mas então não é verdade que estou grata? E estou! Voltei de Rimini de coração cheio, mas à primeira desilusão do quotidiano, é como se me tivessem cortado as pernas. E a propósito disto, poderia explicar melhor a frase de Giussani: “Não foi ontem, é hoje, não é hoje para mim, mas é hoje para você, qualquer que seja a posição que você tenha: mude-a, se deve ser mudada!”. (L. Giussani, Reconhecer Cristo, in J. Carrón, Uma presença no olhar, p. 77). Porque se pode entender num sentido um pouco moralista, um pouco ético, que eu devo fazer alguma coisa, um esforço: devo estar mais disponível, devo mudar o modo com que faço as coisas. Mas penso que seja muito mais do que isso, até porque o estar disponível para mudar não se mantém, não conseguimos. Pode me explicar? Será que também devo mudar o modo com que me olho e trato?*

Carrón: Para entender até o fim, é preciso apanhar o nexa entre a gratidão e a gratuidade que é um modo de dizer o que é o acontecimento cristão, a natureza do acontecimento cristão. Ou seja, a natureza daquele acontecimento que se impõe de tal modo, que nos muda a tal ponto, que nos enche de tal modo de gratidão, que desta gratidão nasce a gratuidade. É o que diz Giussani: “Amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada” (cfr. Jer 31,3). Sem reconhecer isto constantemente, é difícil mudar, porque seria moralista qualquer nosso “fazer”. Giussani diz que só se nos damos conta da natureza do que Cristo faz conosco, só se olharmos para Ele constantemente, sob a pressão desta comoção, poderemos atuar como Ele, sermos capazes desta gratuidade. Este é fruto da presença de Cristo, a mudança que Cristo faz em nós. Por isso o Papa convocou este Ano Santo da Misericórdia, como se estivesse nos dizendo: olhem para Cristo, porque sem olhar para Cristo vocês não podem ter misericórdia, não podem ter gratuidade, capacidade de abraçar, de perdoar, de dar testemunho da diversidade que Cristo introduziu no mundo. A mudança não é um moralismo, mas sim a expressão do estar cada vez mais investidos por Cristo. Escreve-me um universitário que, mal chegou aos Exercícios, ficou chateado porque o tinham colocado no quarto com outro de quem ele não gostava nada. E então “comecei a abrir-me a esta possibilidade: e se este cara não for apenas o seu limite? E se, através dele, o Senhor não quer me boicotar, mas está me pedindo para mudar e aprender a olhar para o outro simplesmente pelo fato de que existe? A minha atitude mudou radicalmente naquele momento [não por um moralismo, mas como possibilidade de uma novidade].

Estava curioso e desejoso de verificar aquela hipótese [surge um modo diferente de entrar em relação com tudo]. Na manhã seguinte assistimos ao vídeo *Reconhecer Cristo*, onde Giussani afirma com uma enorme intensidade: “Digo somente que este acontecimento ou esta presença é de hoje – de hoje! Aquele fluxo humano de que falamos, eu o introduzo hoje na sua vida. Não há senão Deus, Deus apenas, ontem, hoje e sempre. Um acontecimento grande, dizia Kierkegaard, só pode ser *presente*, porque não é um passado, algo morto, que pode nos mudar. Mas, se algo nos muda, é presente: *É, se muda*” (pp. 77-78) [se nós separamos a gratidão da gratuidade, a gratidão torna-se um passado; mas se é um presente, vê-se porque muda]. Ouvir estas palavras me iluminaram e comoveram, porque me fizeram dizer: se eu pude mudar a minha posição diante deste rapaz, é porque Cristo aconteceu. Ele me mudou, me muda e, portanto, está presente [tanto é verdade que cada cristão dos primeiros séculos dizia: como o que me mudou é tão potente, só pode ser obra do Espírito Santo]. Ao voltar para casa dei-me conta da potência disto: se Cristo está presente, tem a ver com tudo, tudo é ocasião de relação com Ele. Quando entrei em casa, em vez de ser duro com a minha irmã, como costume, descobri-me mais disponível e afetuoso [gratuito!] e diante do seu limite disse para mim mesmo: se Cristo te ama assim como és, irmã, então eu também te acolho assim. No entanto, dou-me conta que este novo olhar de que participo, não é nem de longe uma coisa óbvia. Eu não sou capaz de olhar as coisas com os olhos de Cristo [por isso muitas vezes decai tudo num moralismo: porque não olhamos bem!]. Chegou às minhas mãos uma carta pastoral de Dom Angelo Scola *Educar ao pensamento de Cristo*, em que na página 47 [citando o famoso texto da Carta aos Romanos, capítulo doze, onde se diz para oferecer o corpo como culto espiritual] vem escrito: ‘Constatamos todos os dias como este ‘culto espiritual’, ou seja, a oferta da nossa vida em Cristo, com Cristo e por Cristo, não é automática. Por isso Paulo, com um realismo profundo, adverte os cristãos que estão no mundo [...] a não deixar que seja o ‘mundo’ a conformar-nos ao seu ‘esquema’. Não se pode ser conforme ao mundo quando este nos propõe esquemas destrutivos nas relações com as pessoas, com a família humana e com a criação. Estes esquemas provêm como o evangelho de paulino nos mostra, do enigma originário do pecado do homem, do seu coração ferido e desanimado que fica exposto à sedução da afirmação de si, apesar de tudo e de todos. Acolher o encontro com Cristo, segui-Lo, comporta uma conversão (*metanoia*) permanente, uma mudança de mentalidade para assumir cada vez mais a pessoa e a existência de Cristo como critério do próprio pensar e agir. [...] Toda a experiência da vida humana, nas suas várias dimensões, entra na esfera litúrgica adquirindo uma dignidade extraordinária’. É verdade. Este olhar não é nada automático. E não porque Cristo não esteja presente, mas porque eu sou pecador e não consigo ver bem as coisas, só vejo a crosta da ferida. É preciso que me ponha humildemente a seguir Cristo, como fizeram João e André, à procura daquela conversão permanente. Quanto mais passam os dias, tanto mais me dou conta que a experiência do Movimento incide na raiz mais profunda do meu ser. Até quando estou distraído e absorto em mil coisas, tenho a possibilidade de recomeçar a partir deste juízo claro: Cristo está presente e tudo é Seu”. Este é o novo modo de olhar a que Cristo nos introduz, que nos faz olhar para tudo de modo diferente e que torna tudo novamente amável, porque tudo descobrimos na sua verdade. Não é que Cristo olha só para os nossos erros, para o nosso mal, e apesar de tudo tape o nariz e nos diga: “Eu te quero bem”. Cristo vê aquilo que nós não vemos! E por isso, sem ser introduzidos ao olhar de Cristo, ao pensamento de Cristo, é difícil que vivamos esta novidade na relação com todos. O Natal é uma ocasião fantástica para poder participar, pelo pedido, neste evento no qual podemos reconhecer a Sua presença; introduzidos a este novo modo de olhar, começaremos a ver coisas que agora não vemos, que não conseguimos, que nos passam despercebidas. E ali mesmo, em tantas coisas que consideramos óbvias, está a presença de Cristo. Mas nós não O vemos por causa do nosso olhar reduzido, porque não fomos educados a olhar com os olhos de Cristo. Porque, para explicar tantas das coisas que nos dizemos, é preciso que o Verbo se tenha feito carne e que habite entre nós.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira 20 de Janeiro às 21:00.

Retomaremos ainda a lição de *don Giussani Reconhecer Cristo*. Que este texto nos acompanhe neste tempo de Natal, para o poder viver na companhia de *don Giussani*.

Cartaz de Natal. Como viram foi uma surpresa a imagem deste ano, ou seja o quadro de Kandinsky. Certamente é muito mais fácil olhar uma imagem clássica, com Nossa Senhora, o Menino Jesus, etc e deter-se na primeira reação sentimental ou na impressão visual em função da qual dizemos: “Agrada-me mais” ou “agrada-me menos”, sabendo já ou pensando saber o que está na imagem.

Desta vez, ao invés, somos chamados a interrogarmo-nos, a ter talvez um pouco mais de trabalho, a perguntar: “O que se vê?”. E depois: “Por que você vê isso?”. Se alguém faz esta pergunta, a seguir encontra a resposta, que nunca é unívoca, porque a arte não é matemática, mas pede o encontro de duas liberdades. O fato de alguém ficar bloqueado perante uma imagem como esta, diz que não estamos habituados a esta dinâmica, e não só diante da arte, mas diante da vida, das circunstâncias. Por vezes são as crianças que explicam o Cartaz aos pais! Então, a escolha desta imagem está toda dentro do caminho que estamos fazendo, com o coração em tensão para ver que coisa o Senhor está nos dizendo através das circunstâncias da vida. Até na escolha de uma imagem pode estar uma indicação de método que vale para tudo. E que pode mudar também o modo como propomos o Cartaz de Natal, como ocasião para compartilhar uma pergunta. Na *Passos* de dezembro podem ler esta sugestão: “Este desenho [...] [torna] clara e pura uma dinâmica completamente real e humana. Esta dinâmica é a atração exercida sobre a linha (a nossa vida) por um ponto (o outro, o convidado inesperado). Algo que, apesar de desmaterializado na representação de Kandinsky, produz, como ele mesmo tinha escrito, ‘uma vibração do coração’. E talvez as curvas que acompanham a trajetória possam ser lidas justamente como a representação desta vibração”. É uma tentativa irônica. Talvez uma imagem clássica fosse mais cômoda. Não sei se mais incidente, mas pelo menos mais cômoda.

É uma ajuda para olhar para ali, para aquele “ponto decisivo”, atrativo para cada um de nós, como também o Papa e Dom Giussani nos dizem nas duas frases que escolhemos. O Cartaz não é somente uma imagem que não é acompanhada por nada.

Lembro-lhes um gesto importante de caridade que propomos neste período: as Tendas AVSI, que este ano são a favor dos refugiados.

Nestes meses indicamos como livro do mês [na Itália] o texto *A Beleza desarmada* (editado pela Rizzoli); ainda será por alguns meses, para lhes dar a possibilidade de acabar a leitura.

Com a abertura da Porta Santa iniciou-se o Jubileu da Misericórdia. Não nos preocupemos somente com o gesto que faremos. Seria errado reduzir o Ano da Misericórdia apenas a alguns gestos que poderemos fazer juntos. É uma conversão do coração, aquela a que nos convida o Papa Francisco. É uma pena perder esta ocasião, porque temos necessidade da misericórdia; e este ano pode ser uma oportunidade única para aprender o que é a misericórdia da qual todos temos necessidade. Quem mais do que Dom Giussani nos ensinou isto? Como já começamos a dizer hoje, pensemos em como ele falou do “sim de Pedro” em *Reconhecer Cristo*.

Justamente por isso, pelo conteúdo precioso desta lição, pensamos em disponibilizar o Reconhecer Cristo com um DVD que será distribuído com a Tracce de Fevereiro por ocasião do XI aniversário da morte de Dom Giussani.

Faremos ainda uma venda extraordinária de *Tracce* num fim de semana de Fevereiro. As cópias da revista serão reservadas a partir de 15 de Janeiro de 2016.

Votos de Bom Natal a todos!

Veni Sancte Spiritus